

DANILO ALAIN SIMÕES MACIEL

**AS ALTERNATIVAS TURÍSTICAS NA REGIÃO DO RECÔNCAVO BAIANO
NO FINAL DA DÉCADA DE NOVENTA.**

**SALVADOR/BA
2001**

DANILO ALAIN SIMÕES MACIEL

**AS ALTERNATIVAS TURÍSTICAS NA REGIÃO DO RECÔNCAVO BAIANO
NO FINAL DA DÉCADA DE NOVENTA.**

Monografia apresentada no curso de graduação em
Ciências Econômicas da Universidade Federal da
Bahia como registro parcial à obtenção do grau de
bacharel em Ciências Econômicas.

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO RAIMUNDO ALMEIDA BRITO.

**SALVADOR/BA
2001**

AGRADECIMENTOS:

- Agradeço primeiramente a Deus que me deu saúde e perseverança durante a realização desta monografia.
- Agradeço aos meus pais que foram as pessoas mais importantes em relação ao auxílio emocional para que este trabalho fosse realizado, acreditando e me incentivando durante as fases de execução da monografia.
- Agradeço ao professor Dr. Paulo Raimundo Almeida Brito pela orientação e pelos conselhos essenciais para o desempenho deste trabalho.
- Por fim, agradeço a todos os meus amigos e as pessoas que contribuíram, seja com apoio moral ou com dicas de material de estudo, que foram fundamentais para esta monografia.

“O ideal é ainda a alma de todas as realizações” (Getúlio Vargas)

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo estudar a relação entre a Região do Recôncavo Baiano e o Estado da Bahia, considerando os seus aspectos históricos, econômicos e sociais. Devido ao alto grau de peculiaridade desta região, faremos antes uma grande abordagem sobre a sua formação e a sua consolidação e decadência no cenário econômico brasileiro. Passaremos então para uma abordagem da situação atual dentro do contexto estadual e finalizaremos com as perspectivas regionais futuras.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO DO RECONCAVO.....	10
1.1	APRESENTAÇÃO DA REGIÃO DO RECÔNCAVO.....	10
1.2	PERÍODO COLONIAL.....	14
1.3	VIAS DE COMUNICAÇÃO.....	17
1.4	UNIDADES ESPACIAIS.....	19
1.5	ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS.....	24
1.6	ASPECTOS CULTURAIS E HISTÓRICOS.....	28
2	APROVEITAMENTO ECONÔMICO DO ASPECTO HISTÓRICO.....	32
2.1	O EFEITO MIGRATÓRIO.....	32
2.2	TURISMO.....	33
2.3	CACHOEIRA.....	36
2.4	PARQUE HISTÓRICO CASTRO ALVES.....	37
2.5	SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO.....	37
2.6	NAZARÉ E MARAGOGIPINHO.....	38
3	A INTERVENÇÃO GOVERNAMENTAL.....	40
3.1	O GOVERNO DA BAHIA E OS PROGRAMAS DE FOMENTO TURÍSTICO.....	40
3.2	OS EFEITOS APÓS O PLANO REAL NO TURISMO.....	46
	CONCLUSÕES.....	48
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

LISTA DE TABELA E FIGURA

1. **Figura 2.5 - Mapa da Região do Recôncavo baiano. ----- 20**
2. **Tabela 4.2 – Distribuição do Consumo Cultural das Famílias
bairanas por tipo de bem ou serviço (1996)-----44**

INTRODUÇÃO

As Alternativas Turísticas na Região do Recôncavo Baiano no Final da Década de Noventa é uma monografia desenvolvida na Bahia, em que se objetiva estudar o surgimento e a evolução da região do Recôncavo, em um âmbito local e regional, neste caso, no Estado da Bahia.

O tema surgiu pela vontade de se estudar um pouco mais de perto uma das regiões mais ricas historicamente na Bahia. Inicialmente, o que se queria mostrar era apenas a situação econômica atual. Entretanto, o medo de se fazer um trabalho vago e de pouca contribuição social (pela multiplicidade cultural da região) nos conduziu a especificar o tema, que então se propôs a estudar a relação entre as viabilidades e o potencial regional turístico.

Foram fundamentais para esta mudança no tema os debates em sala de aula durante a execução do projeto desta monografia e, sobretudo, as discussões extra classe com o orientador deste trabalho, o professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, Dr. Paulo Raimundo Almeida Brito.

A própria complexidade do assunto nos levou à transformação final do tema. Seria impossível estudar a região do Recôncavo sem conhecer os processos que possibilitaram o seu surgimento e evolução. Por se tratar de um tema rico, a primeira grande dificuldade para a realização do trabalho surgiu na seleção do material de estudo. O capítulo 1, em que tratamos dos aspectos históricos, foi basicamente desenvolvido a partir de uma literatura técnica e especializada.

Assim, após a leitura do material disponível e a partir dos debates com o orientador, chegamos a um trabalho monográfico composto por três capítulos, além de uma introdução e uma conclusão.

O capítulo 1 aborda o surgimento da região, sua formação geográfica, o apogeu econômico e a decadência. Em seguida, ainda neste mesmo capítulo, veremos o que existe hoje e a herança cultural deixada através da miscigenação das raças.

A análise mais detalhada dos processos gerados pela miscigenação é a análise do capítulo 2, abordando os costumes locais e o estudo do que pode ser gerado com eles (a sinergia existente), como por exemplo, o turismo como incremento regional. Terminamos a análise neste capítulo estudando as atividades econômicas mais comuns e as principais dificuldades enfrentadas por elas.

Chegamos então ao capítulo 3, em que finalmente analisaremos o tema que nos motivou para a realização desta monografia: As soluções para a região. Aqui veremos como surgiram os estudos governamentais e sua aplicação visando o desenvolvimento regional. Este capítulo encerra a parte de conteúdo da monografia, estudando a participação incentivadora do governo do Estado da Bahia na região, como projetos, valor dos investimentos realizados, bem como também a busca de soluções não-governamentais.

Iniciamos então, a partir de agora, o estudo da região do Recôncavo Baiano com a preocupação de encontrar uma resposta para a questão primordial deste trabalho: O Recôncavo baiano pode sair da estagnação e voltar a desenvolver-se através da utilização de seus recursos (geográfico, cultural) e da utilização de investimentos públicos ou privados?

1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO DO RECÔNCAVO.

1.1 APRESENTAÇÃO DA REGIÃO DO RECÔNCAVO

O Recôncavo sobre o ponto de vista geográfico apresenta aspectos econômicos associados as suas características físicas, como as vias de ligação com Salvador (navegação, rodovias). Estes aspectos de integração espacial, permitem visualizar o sistema Recôncavo – MetrÓpole.

Em uma das áreas de ocupação mais antigas do país, engenhos de cana, plantações de tabaco, oscilações de apogeu e decadência, representam a superposição de estruturas nas derivações dos eventos ao longo dos tempos. A região se reformula e se reorganiza ao sabor dos novos recursos e estratégias do modelo econômico estadual vigente.

De acordo com Kátia Mattoso (1990, p.36) , Recôncavo significa fundo de baía. As cidades localizadas na faixa de terra que contorna a baía de todos os Santos são primordiais na formação histórica e cultural do Estado da Bahia. Constitui-se em uma área de ocupação humana das mais antigas do Brasil, formada ainda no período Colonial. O plantio da cana-de-açúcar marcou o início da colonização do Recôncavo baiano. Após as guerras contra os índios Paraguaçu e Jaguaripe em 1559, Mem de Sá, terceiro governador geral, conseguiu com o apoio da catequese jesuíta penetrar e se estabelecer na região.

Centro original e irradiador da civilização brasileira, o Recôncavo tem o mais profundo significado para a memória e identidade do país. Na época da escravidão, durante o cultivo da cana-de-açúcar, os negros desenvolveram suas manifestações folclóricas. A região teve a maior concentração de negros

do Brasil, ou seja, a região é um dos mais importantes redutos de conservação e resgate de valores culturais, tanto de origem africana como de origem lusa.

Faz-se importante a delimitação da área que reúne 33 municípios, totalizando 1,7% da superfície da Bahia, possuindo 5,3% da população do Estado². Cidades como Cachoeira, Candeias, Maragogipe e São Francisco do Conde possuem cenários que mostram a história do ciclo da cana-de-açúcar, marco do oportunismo aventureiro dos colonizadores portugueses. O primeiro engenho do Recôncavo foi construído na metade do século XVI.

Do ponto de vista natural e econômico, possui uma diversidade de solos e vegetação que proporciona as condições sistêmicas para diversidade das atividades agrícolas, resultando em multiplicidade de atividades econômicas centradas na agricultura e na pecuária, além do aspecto histórico, que viabiliza o aspecto turístico.

A economia do Recôncavo foi marcada pelas produções açucareira e fumageira, complementadas pela pecuária leiteira e olericultura, cujos excedentes abasteciam o mercado de Salvador no início do século.

O Recôncavo é uma região essencialmente costeira, compreendendo os municípios em torno da baía de todos os Santos, excluídos os que compõem a Região Metropolitana de Salvador. O Recôncavo forma uma espécie de retângulo na direção nordeste-sudeste do Estado, em cuja ponta norte da baía de todos os Santos esta a cidade de Salvador e cuja ponta sul é a boca do rio Jaguaribe. Esta região com pouco mais de 10.000Km² de terras limita-se a leste com o Atlântico, ao sul com os municípios de São Miguel das Matas, Laje e Valença, a oeste com os municípios de Antônio Cardoso, Santo Estevão

² IBGE: Diagnóstico Geo-ambiental e Sócio Econômico da baía do Rio Paraguaçu/Ba.

e Castro Alves e finalmente ao norte, com Feira de Santana, Coração de Maria, Pedrão, Alagoinhas e Entre Rios.

A região é composta de campos baixos, com ligeiras ondulações formando tabuleiros, ocasionalmente recortados em um tipo de topografia mais acidentada pelos vários rios. A área, em geral, não se eleva acima de 200 metros. Terras relativamente baixas, onde elevações amenas se confundem com as do litoral. Os rios, sempre muito ativos, cavam margens, formando terraços, como ocorre com o rio Paraguaçu e seus afluentes. As cidades de São Felix e Cachoeira foram edificadas sobre altos terraços desse tipo.

O clima e a vegetação dão umidade ao Recôncavo. Os ventos carregados de umidade penetram formando microclimas. Os ventos alísios vindos do mar depositam sua umidade em forma de chuva. Os vales são verdadeiros corredores abertos as influências oceânicas. As chuvas são abundantes, sendo os meses de abril, maio e junho particularmente úmidos. A alta média pluviométrica nos referidos meses do ano ocorre por conta do encontro de frentes polares atlânticas de ar frio com o ar quente das regiões do norte equatorial. Porém, em áreas mais próximas do agreste, a media pluviométrica cai.

Com o regime das chuvas e a ação humana, três tipos fundamentais de vegetação se firmaram, caracterizadas pela distância a que se encontram do oceano e pela qualidade do solo: a mata, o agreste e a vegetação litorânea.

Com relação as condições naturais, a região apresenta diferentes aspectos geológicos e característicos de solo. As terras se elevam suavemente em tabuleiros. Além disto, há os extensos manguezais em toda a parte sul. As terras baixas, ditas de massapé, encontram-se junto a costa, onde elevações amenas se confundem com as do litoral. Este tipo de solo foi de fundamental importância para o desenvolvimento da agricultura do Recôncavo.

As áreas agrícolas se encontram em estreita dependência das águas dos rios. O Paraguaçu, navegado por embarcações leves até Cachoeira, mas que não é bastante profundo para grandes navios, o Joanes, que desemboca em mar aberto ao norte da capital, o Jaguaripe e o Pojuca.

O Paraguaçu vindo do Oeste com seu grande afluente vindo do norte, o Jacuípe, juntam-se nos limites da planície interior e do planalto costeiro, dando lugar a obra humana de um grande lago (área de 286,2km²) da barragem de Pedra do Cavalo, próxima as cidades de São Felix e Cachoeira (CEI, 1994, p.25).

Além das transformações ambientais produzidas pelo seu vasto lago, pedra do Cavalo fez do Paraguaçu o principal fornecedor de água para uma grande área, incluindo Salvador. O rio Paraguaçu é também o principal contribuinte com a baía de todos os Santos no papel regulador da salinidade e da poluição da mesma.

A estruturação dessa região não acontece por acaso. Existem vários fundamentos que servem para explicar o seu processo de formação política, socioeconômica e cultural. As suas condições geográficas diferem, no conjunto, das demais regiões baianas e as suas especificidades propiciam um ambiente atípico, principalmente quando analisado com as inserções históricas e geográficas que permeiam a totalidade do espaço baiano. O conjunto de elementos naturais (clima, relevo, hidrografia e vegetação), aliado as diferentes composições étnicas resultantes da miscigenação ocorrida entre índios, negros e brancos, constituiu a realidade sociocultural do Recôncavo baiano.

Analisando-se as influências dos aspectos contidos neste espaço, verifica-se que o nível de acessibilidade encontrado na região, em função das facilidades

de entrada e saída por via terrestre e marítima, aliado as questões naturais, contribuíram para a constituição regional de modo bastante peculiar. O conjunto evidenciado no Recôncavo possui uma diversidade socioeconômica, política e cultural, diferente de outras regiões baianas.

Na verdade, o Recôncavo nunca fora, seja pelo substrato ambiental ou à ocupação econômica, uma área uniforme, mas sim um complexo de sub-áreas especializadas. A produção do açúcar jamais subsistiu só, mas integrada a um complexo de atividades espacialmente diferenciadas. O ciclo do açúcar, que se desdobrou com o fumo, a pecuária, a agricultura alimentar, o café, o algodão, as especiarias, olarias, as rendas e bordados, a cerâmica, tudo contribuiu para a formação de uma complexa tradição cultural, um tecido social territorialmente diverso e uma exuberante paisagem construída, formando a primeira rede urbana de escala regional implantada nas Américas, com o mais extenso parque de arquitetura barroca do país.

A importância de Salvador como metrópole regional, desempenhando funções políticas, econômicas e administrativas é fundamental. A escolha da cidade para assentamento do sítio urbano está correlacionada com as condições geográficas que favoreceram o desencadeamento das atividades desempenhadas na época de sua fundação. Além das influências dos fatores socioambientais que concorreram para delinear o tipo de ocupação existente inicialmente, também teve relevância a política que posteriormente se desenvolveu no território nacional, calcado no modelo de crescimento denominado de “centro- periferia” .

1.2 PERÍODO COLONIAL

No período da chegada dos primeiros Portugueses, o açúcar começou a ser estabelecido, durante o século XVI e permaneceu até os dias atuais. Outras

culturas, como o fumo, foram implantadas mas não excederam o valor ou importância do açúcar. O mercado deste produto sofreu grandes flutuações e a capitania passou por grandes períodos de dificuldades devido a fraca demanda e aos preços baixos, mas a Bahia permaneceu como importante produtora de açúcar.

Pode ser constatado que a produção de açúcar deu ao Recôncavo a sua razão de ser e criou sua sociedade característica. No período decorrido entre 1670 e 1770, esta região possuía entre 130 e 150 engenhos, com uma produção total entre 350 e 500 mil arrobas (entre 5000 e 7300 toneladas) (SWARTZ, 1995, p.52) . Isto permitiu a formação de uma herança social fundada no escravismo e na grande propriedade monocultora.

Apesar da reputação de região açucareira, o Recôncavo nunca foi completamente tomado pelos canaviais. O tipo de solo, topografia e clima determinaram a distribuição das culturas, desenvolvendo-se essencialmente três zonas: O açúcar na orla norte até o rio Sergipe e terras adjacentes, o fumo em solos mais arenosos e situados em terrenos mais elevados nas proximidades do rio Paraguaçu e, na parte sul do Recôncavo, predominou a agricultura de subsistência.

Entre as culturas comerciais lucrativas no Recôncavo, apenas o fumo conseguiu um lugar ao lado do açúcar. Os solos de areias eram considerados impróprios para a cana, mas poderiam ser aproveitados para produção de fumo, com a utilização de adubo. O fumo começou a centralizar-se na vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira, a poucos quilômetros da foz do rio Paraguaçu. Esta vila principiara como ponto de parada das expedições ao interior, uma porta de entrada para o sertão, mas tornou-se importante porto para os produtores de fumo, que eram transportados em barcos através da baía até o porto de Salvador.

Considerada como monumento nacional e tombada pelo instituto do patrimônio histórico e artístico nacional (IPHAN) em 1971, Cachoeira é a cidade baiana que reúne o mais importante acervo arquitetônico no estilo barroco. Seu casario mantém vivo a imagem do Brasil império, nos tempos em que o comércio e a fertilidade do solo fizeram de cachoeira a vila mais povoada e rica do Recôncavo, durante o século XVIII.

A cidade de Cachoeira pode ser considerada como um conjunto arquitetônico colonial, com prédios históricos e igrejas seculares que demonstram o acervo cultural da cidade. As construções antigas nas margens do rio Paraguaçu em estilo português atestam a importância da cidade no período da colonização do Brasil. Este patrimônio deveria ser protegido pelo IPAC (Instituto do Patrimônio artístico e cultural), mas devido a falta de recursos, o passado histórico arquitetônico não está sendo preservado de uma forma adequada, sofrendo depreciação estrutural com o tempo.

Situada a 119 Km de Salvador, a origem da cidade de Cachoeira pode ser atribuída a Paulo Dias Adorno, fidalgo português que tomou parte na expedição de Martim Afonso de Souza, adquirindo terras no Recôncavo para fundar uma fazenda e um engenho, tendo sido edificada nas proximidades a capela de Nossa Senhora da Ajuda. Com essa propriedade rural começou o povoamento da cidade.

No tempo do Império, a vila recebeu o título de “A Heróica”, sendo reconhecida como cidade somente muitos anos depois. Em 1822, juntamente com outras cidades do Recôncavo, Cachoeira liderou o movimento de Independência da Bahia, enquanto se travavam lutas entre brasileiros e portugueses na capital.

Durante toda a sua existência, Salvador tem-se ligado ao Recôncavo. O Recôncavo conferiu a Salvador sua existência econômica e estimulou a colonização e o desenvolvimento do sertão. Falar da Bahia era falar do

Recôncavo, e este sempre foi sinônimo de engenhos, açúcar e escravo. Em contraste, sempre houve uma separação de benefícios, Já que a atividade principal no interior baiano era a pecuária, o que prejudicava os senhores de engenho, que lutaram pela proibição da produção de gado em áreas agrícolas porque prejudicavam os canaviais. Em 1700 promulgou-se finalmente legislação com este objetivo.

No século XIX, o Recôncavo estava repartido em 8 (oito) municípios, a saber: Candeias, São Francisco do Conde, Santo Amaro, Cachoeira, Maragogipe, Jaguaripe, Nazaré das Farinhas e Aratuípe. Como o açúcar se constituía um artigo de grande raridade e de muita procura na Europa, onde tinha um grande valor comercial, os colonizadores utilizaram a região para o grande comércio Europeu, o que fez com que a sociedade e a economia brasileira tivessem objetivos voltados para o exterior. Isto proporcionou receita para a coroa e intermediários comerciais com fixação e ocupação territorial no litoral e criação de latifúndios com a monocultura isolada dos engenhos, além de reduzida urbanização.

Esta atividade contou no Brasil com uma demanda de trabalho escravo extemporânea no desenvolvimento histórico, no sentido em que o regime escravista representou uma regressão social. A produção se encontra fechada por dentro, sem a existência de mercado interno e por fora, apenas restringida ao monopólio comercial da metrópole. Os interesses da metrópole coincidiam com os das classes dominantes na colônia durante o primeiro século e meio da colonização.

1.3 VIAS DE COMUNICAÇÃO.

A análise das vias de comunicação faz-se necessária para uma melhor compreensão de aspectos econômicos e sociais, pois os caminhos do

Recôncavo contribuíram, entre outras coisas, para colonização e povoamento da região, comércio de mercadorias e escoamento da produção para Salvador.

Os marinheiros foram os primeiros a se infiltrarem no Recôncavo, ainda no início da colonização, subindo os rios parcialmente navegáveis. Os condutores das boiadas logo os seguiram, sendo também considerados pioneiros. De modo alternado, os grandes viajantes da província foram os marinheiros e os boiadeiros.

O modo de transporte das mercadorias e do fluxo de pessoas exigia cidades acessíveis pelas vias marítima e fluvial. A partir do momento que o local não era mais acessível por via fluvial e se fazia necessário andar muito para atingi-lo, o homem do Recôncavo sentia-se deslocado: Recôncavo era local de navegação onde nunca se estava a mais de um dia de marcha de uma via navegável ou orla marítima.

Mesmo nas regiões mais próximas de Salvador eram raras pontes e estradas. Antigos caminhos partiam de Cachoeira para o norte, em direção a província de Minas Gerais. Tais caminhos eram trilhados por carros de boi. Estas rotas se abriram devido a necessidade de deslocamento do gado, empurrado para o sertão em virtude do desenvolvimento das culturas de fumo e cana-de-açúcar voltadas para exportação. Cavalos e burros tornaram-se indispensáveis ao transporte de mercadorias por estes caminhos. As vias internas eram suficientes a circulação de carros de tração animal. A partir de 1860, foi implantada a primeira linha ferroviária na região, que pretendia ligar Salvador a região do rio Joanes, tendo sido interrompida em Aratu, no fundo da Baía. Embora o desenvolvimento deste tipo de transporte tenha sido lento, os trens chegaram a ser um dos principais meios de transporte do Recôncavo, interligando suas cidades e povoados.

Em 1917 foi elaborado o primeiro plano para a construção de estradas de rodagem no Estado da Bahia. A primeira grande estrada construída ligou Salvador a Feira de Santana. Bem servida de vias de circulação urbana, tomou impulso o transporte rodoviário, que veio substituir a ferrovia da mesma forma que esta eliminou o papel desempenhado pelos rios desde a implantação da estrutura colonial. Atualmente, é a microrregião baiana mais bem dotada de infra-estrutura de transportes. Depois da ferrovia, se ampliou uma rede de rodovias asfaltadas, sobretudo a partir da BR 101 e da BR 324, que parte de Salvador para o nordeste do Estado.

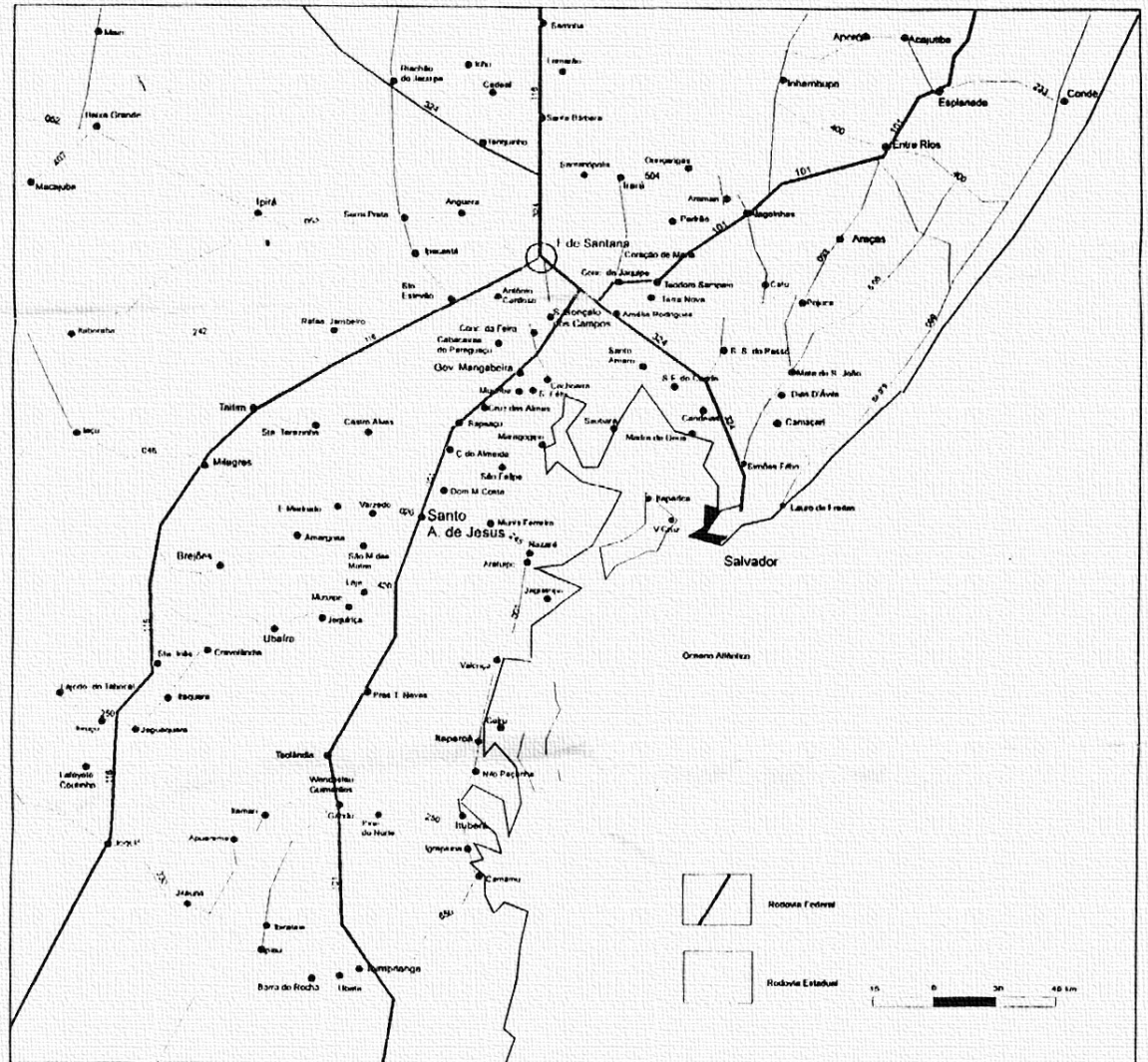
1.4 UNIDADES ESPACIAIS

A divisão do Recôncavo em zonas (Porto Filho, 1976, p.85) é derivada do estudo de qualidade ambiental do Recôncavo e regiões limítrofes, sendo que cada uma configura uma área homogênea em características ambientais e ocupacionais, resultante do agrupamento das unidades administrativas.

Zona 1- Abrangendo os municípios de Itaparica e Vera Cruz. Constitui um prolongamento da cidade de Salvador, oferecendo novas opções a atividade balneária de lazer e turismo, graças aos recursos de urbanização ligados às praias com magníficas paisagens tropicais.

Zona 2-Maragogipe, Salinas da Margarida, Nazaré, Aratuípe e Jaguaripe. Situada a oeste da baía de Todos os Santos, apresenta um tipo de ocupação de terra incipiente, não apenas pela pobreza natural dos seus solos arenosos, mas principalmente pela marginalização que sofrem os municípios da área frente ao sistema de transporte rodoviário e as atividades econômicas mais modernas. No passado estes municípios tiveram fases de crescimento mais dinâmicas.

Região do Recôncavo baiano



Fonte: SANTOS, M.C. (Com base no SEI, 1998).

Zona 3-São Sebastião do Passé. Seu único município apresenta características similares aos municípios ao norte do Recôncavo, como predomínio de pastagens e silvicultura, além de indústrias isoladas.

Zona 4-Teodoro Sampaio, Terra Nova, Amélia Rodrigues, Cachoeira e Santo Amaro. A zona de mais fácil identificação, uma vez que abrange as áreas de

solo massapê, suporte da indústria canavieira, desde o início da colonização até os dias atuais. Destingue-se dois padrões diferenciados: o padrão agrícola canavieiro e o urbano industrial, que se estabelece na cidade de Santo Amaro e adjacências. Existe a presença de indústrias altamente poluidoras na malha urbana, comprometendo o rio Subaé e a qualidade de vida da população. Desenvolveram-se cultivos, como dendê, bambu para celulose, além de pecuária.

Zona 5-Conceição do Jacuípe, São Gonçalo dos Campos e Conceição de Feira. A horticultura, as policulturas em pequenos sítios, ao lado da pecuária em grandes propriedades, são atividades agrícolas presentes nesta unidade.

Zona 6-Governador Mangabeira, Muritiba, Cruz das Almas, Sapeaçu e São Felipe. Em torno destes municípios aparece uma área de concentração de cultivos. O tabuleiro de cruz das almas é uma região de cultivo tradicional das lavouras de fumo e da mandioca. A decadência da lavoura fumageira deu lugar a fruticultura e culturas alimentícias.

Zona 7-Conceição do Almeida, Dom Macedo Costa, Santo Antônio de Jesus e Muniz Ferreira. Domínio da pecuária praticada em pastos úmidos plantados. Quanto aos limites e as subdivisões empregadas pelos autores que abordam essa região, foram inúmeras as tentativas. Possivelmente, a sua complexidade socioespacial aliada as diferentes mudanças políticas e econômicas por que tem passado o território brasileiro, contribuíram para a abstração de diversos conceitos e variadas classificações. Recôncavo Canavieiro, Recôncavo Sul, Recôncavo do petróleo são apenas algumas das inúmeras denominações para a mesma região, o Recôncavo.

Refletindo sobre este aspecto, é possível perceber a complexidade da região, mesmo com as diferenças internas observadas nas subunidades. As especificidades e potencialidades quando comparadas com outras regiões do

estado são evidenciadas através da cultura e dos diferentes modos de vida no espaço geográfico.

Santos (1958) atentou para a divisão do Recôncavo em cinco sub-regiões. Distingue as zonas econômicas do açúcar, do fumo, o Recôncavo Sul, Recôncavo Norte e a zona dormitório de Salvador. Observa-se que dentro desta divisão, em função da época (década de 50), não existiam nenhuma destas zonas que fizesse alusão ao petróleo, que mais tarde se constituiu em um importante elemento modificador temporário na regional.

Diante das complexidades existentes no Recôncavo, Costa Pinto (1997) distingue seis zonas como sendo as de pesca e do saveiro, do açúcar, da agricultura de subsistência, do petróleo e a zona urbana de Salvador. A classificação dos autores mencionados possui muita semelhança. As conexões geográficas fornecem subsídios para refletir sobre a nova organização social existente no Recôncavo. De posse das contribuições propostas pelos autores em épocas anteriores e levando em consideração as recentes mudanças ocorridas na região, observa-se no Recôncavo baiano algumas peculiaridades que podem melhor ser evidenciadas em duas subdivisões.

A primeira refere-se aquela comandada diretamente por Salvador, através da região metropolitana, onde as instalações das indústrias e do desenvolvimento do comércio, aliado a disponibilidade dos serviços e funções administrativas, propiciou que a cidade recebesse um maior desenvolvimento.

Na segunda subunidade encontra-se o Recôncavo da estagnação socioeconômica. Este dispõe de ritmos e atividades pouco movimentadas, predominando as culturas tradicionais, sobretudo da cana-de-açúcar, desenvolvida desde o início da colonização. Mesmo com algumas inserções técnicas utilizadas para o cultivo desta cultura, esta parte da região não

conseguiu alterações significativas, exceto pelo contingente de trabalhadores que foram substituídos por maquinário para desenvolver esta atividade.

O processo de urbanização tem provocado inúmeras transformações de caráter socioeconômico, político e cultural na Bahia. Os seus efeitos são generalizados, produzindo especificidades que merecem ser estudadas, existindo a necessidade de análise de questões que envolvem a região. Refletindo sobre a formação dos adensamentos urbanos existentes na Bahia, é possível notar que o processo de urbanização ocorre em ritmo lento, passando a ser significativa na década de 90.

O crescimento urbano no Estado da Bahia acontece em cidades próximas ao litoral. Com a implantação de rodovias, novos centros urbanos começaram a se inserir no contexto da economia regional, como Santo Antônio de Jesus que teve o seu crescimento intensificado em concomitância com os asfaltamentos da BR101, BA245 e BA 026, caracterizando-a como um entroncamento rodoviário, não podendo ser comparado com a evolução da rede urbana próxima a Feira de Santana.

Clark (1985), analisando as teorias do crescimento urbano, identifica as forças que permitem e encorajam um grande número de pessoas a se concentrar em pequenas áreas. Dois pontos de vista genericamente constantes prevalecem: um enfatiza os requisitos econômicos para o crescimento urbano e o outro acentua a função dos laços sociais, que é mais forte a depender do fator distância, o que não se caracteriza uma barreira em relação a Salvador e o Recôncavo. Nesta região em particular, todas as cidades fazem parte de espaços de dimensão regional e nacional, nos quais se registram as transformações demográficas, sociais e econômicas, contendo cada uma dentro do conjunto um potencial próprio de desenvolvimento.

Nenhum espaço urbano consegue se reproduzir de modo isolado. O estudo da articulação da cidade com a região é algo indispensável para a compreensão das complexidades existentes. A ênfase dada a um dos aspectos pode variar de acordo com o nível de influência dos agentes econômicos, a depender das especificidades do lugar. Essa análise ocorre a partir do entendimento da inserção do Recôncavo baiano no contexto socioeconômico, político e cultural que permeia a produção do espaço baiano, atentando para os aspectos que contribuíram para a dinâmica urbana em estudo. O Recôncavo baiano, local de inserções socioeconômicas, políticas e culturais ocorridas no território brasileiro, experimentou diferentes estágios de crescimento ao longo dos anos. À medida que as estratégias de expansão capitalista movimentam a urbanização nacional, ocorre o redimensionamento dos espaços regionais, influenciando intensamente as características do lugar. A discussão sobre a região contida neste capítulo visa analisar o Recôncavo por constituir-se em uma das regiões brasileiras de ocupação mais antiga, com formação centenária, variando desde a ocupação indígena até as mais recentes complexidades socioculturais nela existentes.

1.5 ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS

Historicamente, o Recôncavo foi marcado pela grande consistência do modelo de exploração agro-mercantil escravista voltado para o exterior e isto faz parte para a discussão de meios de desenvolvimento da região, pois se refletem na atualidade.

A lucratividade da cana-de-açúcar no Recôncavo montou uma infra-estrutura urbana e rural que lhe valeu a primazia das regiões no Brasil. A sociedade tem no curso de sua história uma sucessão de regiões que se substituem e se estabelecem diante das exigências dos ciclos econômicos. Estes movimentos,

ao mesmo tempo em que criam novas regiões, degradam ou modificam outras, a exemplo do antigo Recôncavo. A descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais, que deslocou para o Sudeste o centro econômico e a capital da colônia foi compensada pela evolução e desenvolvimento mercantilista colonial.

Porém, a perda da hegemonia foi marcante para o Recôncavo. As cidades que tiveram o seu auge no passado não representam valores expressivos na economia atualmente, restando seus valores históricos. Com a chegada da exploração do petróleo e derivados, se formou uma industrialização concentrada e especializada, sem programas de reestruturação regional e de valorização social.

Há uma estreita relação histórica Salvador-Recôncavo, visto que o Recôncavo foi formado com solo e clima propícios as plantações de cana-de-açúcar e outros cultivos secundários, constituindo uma rede de cidades hierarquicamente distribuídas, com papéis diferenciados, mas todas devotadas para elevar a produtividade de toda a plataforma de produção regional (PORTO, 1997, P.29) . Atualmente, tradicionais formas de cultivo convivem com praticas agrícolas mais modernas, com uso intensivo de insumos.

A laranja, o dendê, o café e a cana são algumas das culturas que marcam os diversos sub-espacos regionais. Nas terras mais baixas e nos manguezais da Baía de todos os Santos desenvolvem-se pesca e criação de camarões. Na parte Norte do Recôncavo, desde 1960, é marcante a influencia das industrias petrolífera e petroquímica.

Como conseqüência das mudanças estruturais, ocorreu o esvaziamento da economia do Recôncavo. O foco de investimento da política de desenvolvimento industrial para o Nordeste foi concentrado na Região Metropolitana e em Feira de Santana, o que gerou baixas taxas de crescimento

demográfico, comparadas com as áreas industrializadas e migração de parte da população para os centros mais desenvolvidos.

As terras de tabuleiro foram utilizadas para a cana. A tradicional cultura do fumo implantou fabricas em Maragogipe, Cachoeira e Cruz das Almas, entrando em decadência na década de 70 com o fechamento de fabricas nas duas ultimas cidades. As fabricas que se mantém hoje produzem charutos de forma artesanal, utilizando mão-de-obra essencialmente feminina.

A industrialização nesta zona é representada por uma fabrica de adubos em Cruz das Almas e de papel em Santo Amaro, alem das casas de farinha. Atualmente, a principal atividade produtiva desta zona é a agropecuária extensiva de bovinos, seguida pela agricultura.

A região de Aratu, situada ao norte de Salvador, estendendo-se desde o subúrbio de Valéria até as proximidades do município de Candeias, vizinho a São Francisco do Conde (onde se localiza a refinaria de Mataripe), contem uma grande variedade de processos produtivos em suas duas divisões: CIA-Norte, situada no município de Candeias e a área industrial Sul, no município de Simões Filho. Possui desde a indústria química e petroquímica, passando pela metalúrgica, têxtil e alimentar. Depois viria para a Bahia o Pólo Petroquímico de Camaçari, que passou a ser chamado de II Pólo Petroquímico nacional, com estudos realizados pela então recém-criada COPENE, constituindo-se como marco importante para a economia baiana.

O controle político e administrativo exercido pela cidade de Salvador extrapolava os limites regionais. Desde a época da colonização até o início dos anos 50, período em que começou a intensificação do processo de industrialização, a centralidade exercida pela atual capital do estado evidenciou o seu crescimento perante as demais cidades baianas. As

instalações de complexos industriais em Simões Filho e Camaçari nas décadas de 60 e 70 contribuíram para a intensa metropolização de Salvador, colocando a região metropolitana como responsável por mais de 30% da arrecadação estadual (Silva, Silva, 1991, P.68). Essa questão evidencia o predomínio da centralização histórica ocorrida no espaço baiano.

Até o início deste século, algumas cidades do Recôncavo, a exemplo de Cachoeira, Nazaré e Maragogipe, conseguiram fazer parte da rede urbana comandada por Salvador. Daí a importância dos meios de transporte marítimo e fluvial para o crescimento dos principais centros urbanos daquela época.

As desigualdades socioespaciais historicamente ocorridas no Recôncavo Baiano, conectando a minoria das cidades e desprezando grande parte delas, não se restringe apenas aos fatores econômicos. É muito comum abordar o território baiano, mencionando apenas a importância dos mecanismos de produção que moveram as estruturas econômicas estaduais (cultivo da cana, do fumo, do cacau). No entanto, merecem destaque também as disparidades sociais e culturais que sempre existiram no nível regional.

Sendo uma região predominantemente agrícola, a intensa ocupação é responsável por uma elevada densidade demográfica (83,59 hab. /Km²), aliada a uma multiplicidade de pequenos aglomerados urbanos muito ligados à vida rural. Algumas das mais altas densidades da nação em pequenos municípios agrícolas se encontram na região.

Quanto ao crescimento demográfico, a expansão espacial, a atração populacional da metrópole e centros urbanos maiores resulta em um esvaziamento de alguns municípios e baixas taxas de crescimento na maioria, em contraste com o crescimento vertiginoso dos municípios industriais da Região Metropolitana.

O quadro precário das condições de saúde e educação da população constitui um reflexo inequívoco da situação de subdesenvolvimento regional. A estagnação econômica atingiu o desempenho da produção rural mas não destrói a estruturação social, necessitando de um planejamento estrutural devido a representatividade da região.

1.6 ASPECTOS CULTURAIS E HISTORICOS

A independência da Bahia a cerca de 178 anos atrás foi um processo diferenciado, o que proporcionou que a cidade de Cachoeira fosse tombada pela Unesco como patrimônio da humanidade, já que os aspectos arquitetônicos e históricos comprovam a riqueza da região, como o próprio fato de D.Pedro ter sido aclamado regente em Cachoeira. Cachoeira também foi palco de numerosos combates entre brasileiros e portugueses na guerra de independência do Brasil.

Grandes heróis da nossa historia nasceram nesta cidade, como Ana Néri, Maria Quitéria e o poeta Castro Alves, além da participação histórica de João das Botas e General Madeira de Melo, este ultimo derrotado no importante combate de Pirajá (1822).Podemos considerar também as igrejas da Ajuda, construídas entre 1595 e 1606 e a da ordem Terceira do Carmo, erguida em 1700, como monumentos históricos e enriquecedores para a região.

Os engenhos não foram só um marco do homem no campo, mas foram um condicionador da sociedade agrária, com características que até hoje persistem. O primeiro engenho do Recôncavo foi construído na metade do século XVI. Nesta época, a região tinha a maior quantidade de negros do Brasil e puderam desenvolver suas manifestações folclóricas através de sua capacidade de criação baseada na cultura africana e no sofrimento do trabalho escravo. Conceição de Almeida possui até hoje 75% da sua população formada por negros e mestiços, em um complexo histórico-cultural que traduz e

representa muito da formação do Brasil, juntamente com o núcleo de cultura Lusa.

Este cruzamento étnico possibilitou a formação cultural do Recôncavo. Em 1762, o primeiro documento sobre espetáculos populares brasileiros foi publicado em Lisboa e narra uma festa em Santo Amaro. A festa comemorava o casamento da princesa D.Maria em 1760.

O turismo na região, embora tenha um grande potencial a ser explorado, ainda não é muito significativo, ocorrendo de forma esporádica nos eventos mais importantes, como a Feira do Porto e a festa da Boa Morte em Cachoeira, a Festa de Nossa Senhora da Purificação, em Santo Amaro, a Feira dos caxixis em Nazaré e o período dos festejos juninos.

O Recôncavo tem como uma das suas características básicas a pluralidade do seu ambiente cultural, representando uma possibilidade concreta de ampliação do turismo cultural e ecológico na Bahia. Centro original e irradiador da civilização brasileira, o Recôncavo tem o mais profundo significado para a memória e identidade do país, sendo uma prioridade governamental, mantendo a cultura local intacta, proporcionar o desenvolvimento e o progresso das suas cidades.

Discutindo-se a formação sociocultural do Recôncavo Baiano, verifica-se que inúmeras cidades, de tamanhos e funções diversificadas, constituem esta região, variando entre três e quatro os centros urbanos de destaque, a depender do contexto em que estão inseridos. A título de exemplo, observa-se o caso de cachoeira e Nazaré que tiveram crescimento bastante significativo na época da navegação de cabotagem, servindo como ponto de recepção e redistribuição de inúmeros produtos agrícolas. Em contrapartida, evidencia-se a realidade de cidades que cresceram após as modificações no sistema de

transporte ocorridas a partir da década de 70, como a cidade de Cruz das Almas.

Segundo Santos (1958), existem três gerações de cidades no Recôncavo Baiano. A primeira refere-se aquelas onde as estratégias militares prevaleceram na escolha e definição do seu sítio urbano. Como exemplos, observa-se a cidade de Salvador, Jaguaripe e São Francisco do Conde, cuja facilidade de comunicação através do mar e presença de morros e colinas formaram os elementos de ocupação territorial. Na segunda geração de cidades, encontra-se o caso de Cachoeira, São Félix, Nazaré e Santo Amaro, localizado nas áreas intermediárias entre os rios e o continente, servindo de entreposto comercial da produção que circulava pela região. Como terceira geração dessas cidades, o autor menciona os casos de Feira de Santana e Alagoinhas, influenciadas pelos transportes rodoviários.

Cidades como Nazaré e Cachoeira desempenhavam importantes funções na redistribuição da produção realizada nas suas proximidades. Estas cidades se destacavam, antes da instalação do sistema rodoviário, em função do exercício de suas atividades no meio urbano, sobretudo no comércio, serviços e pequenas fábricas ali instaladas.

A compreensão das relações existentes entre a cidade e a região implica no conhecimento da estrutura e funcionamento da rede urbana. Do mesmo modo que as cidades evoluem mediante fatores de natureza urbana e regional, as mesmas necessitam de articulações entre si para o alcance de dimensões mais amplas. Conseqüentemente, esta realidade varia de acordo com o contexto em que cada centro urbano está inserido. É nesta perspectiva que a discussão das redes está presente para entendimento das articulações resultantes.

Segundo Correa (1989), a existência de uma rede urbana é evidenciada quando pelo menos três condições são satisfeitas. A primeira refere-se a ocorrência de

uma economia de mercado com uma produção não regionalmente produzida. A segunda acontece com pontos fixos produtivos e comerciais de negócios. A terceira refere-se a existência de um mínimo de articulação para se realizar o escoamento do que é produzido, atingindo os mercados consumidores. O autor argumenta que as cidades consideradas nas suas funções terciárias, como centro das atividades de serviço, não são organismos independentes e isolados uns dos outros. O espaço não se recorta em zonas simples e autônomas comandada por um centro urbano dotado de todos os equipamentos dotados ao comércio. O autor argumenta que numa região os centros secundários só detêm o comércio mais corrente e que a dependência dos centros secundários em relação aos principais deve-se à ausência de certos serviços, obrigando as pequenas cidades a recorrerem as mais próximas.

A medida em que ocorre o redimensionamento das atividades regionais, aliado a instalação e distribuição de novos serviços e equipamentos, ocorre a reestruturação espacial, redesenhando novas formas e destinos de funções. Sendo assim, o Recôncavo poderia ser colocado com a função de dar suporte as atividades de Salvador, mas ao mesmo tempo com independência necessária para se estabelecer com sua própria força econômica, evitando a saída do contingente humano. As medidas necessárias a este fortalecimento seriam geradas através da participação do governo estadual.

2 APROVEITAMENTO ECONÔMICO DO ASPECTO HISTÓRICO

O EFEITO MIGRATÓRIO

Uma vez iniciada a industrialização de um sítio urbano, ele tende a atrair populações de áreas geralmente próximas. O crescimento demográfico da cidade torna-a um mercado cada vez mais importante para bens e serviços de consumo, o que passa a constituir um fator adicional de atração de atividades produtivas, inclusive com a transferência à cidade de numerosos serviços que antes eram executados em áreas rurais. No caso específico do Recôncavo e da cidade de Salvador esta transferência foi tão intensa que descaracterizou a região do Recôncavo provocando o seu enfraquecimento e a criação da região metropolitana de Salvador. Entretanto, as necessidades de manutenção e desenvolvimento da região em estudo e da população que nela existe persistem, independente da criação de uma região próxima.

Toda esta transferência de atividades do campo à cidade parece ser motivada por uma exigência técnica da produção industrial: a aglomeração espacial das atividades que se traduz em sua urbanização, parecendo ser um requisito de sua crescente especialização e conseqüente complementaridade. É possível acrescentar ainda o imenso crescimento das escalas de produção que leva o surgimento de estabelecimentos de grande porte. O gigantismo das unidades produtivas acarreta em uma concentração espacial ainda mais acentuada.

O progresso técnico e a concentração do capital são duas tendências que se alimentam mutuamente, requerendo escalas cada vez mais amplas de produção, o que é ruim para as áreas urbanas menores. “ Devido à amplidão da economia metropolitana, ela soe oferecer oportunidades de emprego mais amplas e variadas que outras áreas, o que acarreta em geral um maior grau de participação na força de trabalho. É mais freqüente que mulheres e jovens que ainda estudam também exerçam atividades remuneradas na

metrópole”(Singer,1983, p.151).

O problema apareceria na medida em que o nível de emprego se elevasse mais depressa na metrópole do que na sua área de influência, aumentando o fluxo de migração à metrópole, cujo resultado proporciona a transferência para dentro da metrópole do desemprego de fora. “Se em determinadas áreas metropolitanas há considerável desemprego, é quase seguro que ele será ainda maior nas áreas urbanas menores e no campo. Neste sentido, não há como resolver o problema nos limites da economia metropolitana, a não ser que se deseje eliminar o desemprego mediante a metropolização total da população”(Singer, 1983, p.151).

Esta “metropolização” pode ser adquirida através do primeiro passo resultante na atração via turismo interno, no sentido oposto ao existente na atualidade, com a população metropolitana buscando o turismo diferenciado oferecido pelo Recôncavo.

2.2 TURISMO

O acervo de monumentos históricos, arquitetônicos e artísticos da Bahia, pelo valor cultural, figura como dos mais relevantes do Brasil. No entanto vem sofrendo paulatino desfiguramento no interior, pelo esvaziamento econômico oriundo do declínio da época áurea da atividade açucareira, a causa principal da vida e da morte de muitas cidades do Recôncavo.

A preservação das construções coloniais é de vital significação, haja vista o preciosismo e a sua extrema função de impacto turístico, caso de velhos fortes, solares, igrejas e engenhos. A recuperação, conservação e valorização dos monumentos históricos e ambientais além de exigir grandes investimentos requerem profissionais altamente qualificados. Por isto é imprescindível que

haja um forte apoio governamental para também conscientizar o povo do valor dos conjuntos urbanos do passado.

Um grande exemplo pode ser encontrado na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. Esta cidade, que sobrevive praticamente do turismo, prima pela organização administrativa, pela preservação dos monumentos históricos e adota políticas receptivas e turismo. Se comparada com cidades do Recôncavo não existirá diferenças de potencialidade. A diferenciação se forma na inexistência de dispositivos de infra-estrutura para o funcionamento do turismo.

O passo inicial deste processo é o tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e as articulações com as hierarquias eclesiásticas, ordens religiosas e confrarias. O passo subsequente seria a formação especializada da mão-de-obra local.

O SENAC, uma instituição voltada para o desenvolvimento comunitário na área de planejamento e execução de cursos de formação profissional no setor terceirizado cumpre este papel, devendo entretanto ser ampliado em número de vagas disponíveis e áreas de ensino, levando-os a funcionar em caráter permanente em algumas cidades do interior. Seria interessante também a criação de uma mentalidade turística através das atividades curriculares dos cursos mantidos pelo Estado em escolas de 1º e 2º grau.

O Recôncavo, em que pese ser um centro de grande convergência de turismo doméstico, possui também boas alternativas de tráfego úteis para a finalidade turismo. A BR-101, também cognominada de Rio-Bahia Litorânea ou simplesmente litorânea, constitui-se no primeiro grande passo para a interiorização do turismo, ainda restrito a Salvador, após os preparativos e burilamentos dos centros receptores e o respaldo de campanhas publicitárias.

Em virtude da carente disponibilidade de pessoal qualificado, deve ser oferecido às prefeituras dos municípios turísticos o recurso desejado, sob a forma de ajuda ou cooperação técnica. Uma equipe constituída por técnicos do órgão estadual de turismo poderia ser organizada e preparada para estar permanentemente elaborando projetos de viabilidade turística. Os recursos destinados à administração do próprio órgão estadual de turismo seriam provenientes de dotações orçamentárias e os recursos necessários viriam de fundos, reservas, empréstimos e financiamentos obtidos em organismos do exterior. O efeito multiplicador da renda promoveria um inestimável aumento na demanda do trabalho não produtivo (serviços). Isto reflete diretamente na absorção de trabalhadores e na dinamização dos recursos culturais.

A implantação de indústrias no Vale do rio Paraguaçu quase nada de positivo trouxeram para a região, haja vista que empregaram pouca mão-de-obra e não promoveram o soerguimento econômico regional. Se analisarmos que os meios de subsistência industriais como a fumageira (Suerdieck S. A. em Maragogipe) e a indústria de papéis (Impasa S.A. em Santo Amaro) estão em decadência, juntamente com a Indústria canavieira em todo o Recôncavo, podemos afirmar que o turismo poderá abrir novos horizontes sociais e econômicos e contribuir decisivamente para a elevação do padrão de vida e bem-estar da comunidade.

A Bahia é um celeiro de festas tradicionais. Ao contrário de muitos Estados, pobres em manifestações folclóricas e populares, a Bahia não necessita recorrer ao expediente de criar ou inventar festivais e promoções similares que exigem vultuosos investimentos e muitas vezes são efêmeros, pela ausência de motivações sólidas, fundamentais ao processo de afirmação turística. Os festejos juninos, como inúmeros outros eventos de origem secular, mantêm-se vivo em várias cidades baianas. Portanto, o princípio básico há em abundância, bastando preservar e lapidar a valiosa riqueza.

A estimulação e fomentação do turismo exigem também a descentralização das atrações (ainda restritas quase que exclusivamente a Salvador) e o aparelhamento dos centros turísticos. Todavia, tal orientação requer essencialmente a indispensável participação integrada da iniciativa privada e de vários setores do próprio governo do Estado, aparelhando a infra-estrutura receptiva e realizando a manutenção das atrações. Podemos examinar agora os locais do Recôncavo mais importantes do ponto de vista turístico, com suas peculiaridades.

2.3 CACHOEIRA

O mais importante reduto colonial do interior baiano está localizado em posição estratégica, no bojo da fabulosa potencialidade turística do Recôncavo, com vias de acesso através da BR-324 em conexão com a BA-026, através do rio Paraguaçu e pela BR - 101.

A crescente economia açucareira do Vale do Paraguaçu, funcionando como única via de acesso às regiões das minas e dos garimpos e a confluência das estradas de gado permitiram seu rápido crescimento. Durante o século XVIII atingiu o ápice da sua prosperidade econômica. Data deste período a construção dos mais significativos exemplares e peças arquitetônicas de influencia barroca. No início do século XIX constituía-se a vila mais importante da província. Os fatos históricos são ricos, como a proclamação do príncipe D. Pedro como Regente em 1822 rompendo com as cortes de Lisboa e o envio do exército libertador para Salvador em 2 de Julho de 1823.

Cachoeira, quer pela arte barroca de seus monumentos de incomensurável valor, pelas histórias de ideal e amor à liberdade, pelo passado cheio de glórias, pelas chamadas vivas dos tradicionais festejos populares, profanos, religiosos e cívicos ou pelo panorama de belezas naturais do Paraguaçu, surge com grande potencial turístico. Visitar Cachoeira é conhecer o século XVIII.

Algumas das construções que compõem o seu conjunto patrimonial são o Paço Municipal, o sobrado nº7 da rua da Matriz onde nasceu Ana Néri, o Museu do IPHAN, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e a ponte D. Pedro II, inaugurada em 1885 pelo próprio Imperador para unir Cachoeira e São Félix. Além disto existe a possibilidade de exploração da beleza do rio Paraguaçu e dos festejos tradicionais, como a celebração de Nossa Senhora da Boa Morte.

2.4 PARQUE HISTÓRICO CASTRO ALVES.

Distante 18 quilômetros da rodovia BR-101 encontra-se o Parque Histórico Castro Alves, pertencente ao município de Muritiba, na antiga fazenda Cabaceiras onde nasceu Antônio de Castro Alves.

Além da área aberta, o Parque possui os seguintes outros atrativos importantes: a casa-sede da fazenda com um museu e uma biblioteca e o pouso Adelaide que serve para a recepção dos visitantes. No museu podem ser encontrados alguns dos objetos pessoais e obras do poeta. A carência principal se encontra no sentido da manutenção e conservação e na falta de integração do parque nos roteiros das excursões organizadas.

2.5 SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO.

As atrações santamarenses não se resumem apenas no casario colonial e nem tão pouco nos episódios históricos. O seu folclore é ricamente constituído, sendo que o maculelê é a manifestação de maior realce, pelas características e rituais originais que ainda são conservados. A exemplo de Salvador, em Santo Amaro também há uma perfeita integração entre os festejos religiosos e os de caráter profano.

As vilas de Acupe, Itapema, Saubara, Cabuçu e Bom Jesus dos Pobres estão localizadas na área do município, banhadas pelas águas da Baía de todos os

Santos. Em termos de praias propícias aos banhos de mar, as de Cabuçu e Bom Jesus, distantes respectivamente cerca de 30 e 33 quilômetros do centro de Santo Amaro são excelentes, com mar tranqüilo e incomum beleza natural.

Os festejos de N. S. da Purificação, padroeira do município, tem a participação de festivais de samba de roda, sendo incluída no calendário turístico da EMBRATUR, atraindo muitos visitantes.

2.6 NAZARÉ E MARAGOGIPINHO

Maragogipinho, um povoado pertencente ao município de Aratuípe, situa-se à beira de um curso d'água que aflui do rio Jaguaripe. Fica bem próximo a cidade de Nazaré, com quem se comunica através da via fluvial. É o mais importante produtor de cerâmica popular da Bahia, existindo inúmeras olarias espalhadas pelas margens do rio. O tipo de trabalho realizado pelos oleiros pode ser dividido em louça grossa (peças grandes de uso doméstico) e miuçalhas (para fins decorativos). Estes produtos são vendidos em Nazaré na Feira de Caxixis.

A feira, com cerca de 250 anos de existência, é um acontecimento de exposição de produtos artesanais e celebrações religiosas. Ocupa a rua do cais do porto anualmente, no transcurso da semana santa.

A palavra caxixi provém de “cochicho”, um apito de barro usado para imitar a voz de um pássaro. Com o tempo a gíria caxixe teria passado a ser caxixi e empregada para identificar todos os objetos de cerâmica e titular a própria feira.

Deve-se amparar e incentivar os oleiros a fim de que a parte puramente artesanal seja preservada e mantida, pois se constitui de fato na maior motivação do evento. Com relação as outras exposições de outros produtos em

paralelo à venda, constituem atrações adicionais, necessárias para a consolidação do sucesso turístico e comercial da Feira.

No entanto, é fundamental não deixar que exista um processo de descaracterização, podendo-se implantar um centro onde os caxixis possam ser expostos e vendidos permanentemente. Pode-se igualmente estudar as condições de criação de um órgão para determinar preços e distribuir os produtos entre os possíveis mercados do país, dentro da segmentação dos arranjos decorativos.

3 A INTERVENÇÃO GOVERNAMENTAL

3.1 O GOVERNO DA BAHIA E OS PROGRAMAS DE FOMENTO TURÍSTICO.

A região do Recôncavo, apesar de toda a riqueza cultural formada na sociedade escravista, possui como característica a falta de modificação econômica suficiente para produzir alterações significativas em extensão e duração para mobilizar seus recursos humanos e naturais. A industrialização é concentrada nos municípios de Catu e Camaçari, com explorações petrolíferas e indústria petroquímica.

Em outras partes do Recôncavo, a produtividade só pode ser encontrada na produção fumageira, a de cítricos e a avícola. Fora isto, a região se comporta como supridora de matérias primas para Salvador. Ao contrário do período colonial, o Recôncavo não sedia nenhuma atividade economicamente valiosa.

A imagem do Recôncavo, caracterizada pela pluralidade dos seus integrantes, não possui uma unidade estabelecida para superação dos aspectos de estagnação, existindo falta de perspectivas de emprego e uma emigração de mão-de-obra, qualificada ou não, com um movimento significativo para Salvador, o que contribui para os altos níveis de violência e desemprego na capital do Estado.

A inter-relação entre o Recôncavo e Salvador variou em forma e intensidade, ao longo do tempo. A região foi determinante na formação política, econômica e cultural da Bahia, já que o papel das elites políticas do Recôncavo no início da independência política do Brasil formou o modelo político Estadual.

Como desdobramento de um longo período de decadência econômica, com desvalorização do patrimônio e perda de recursos humanos, a região caiu num processo de paulatino esvaziamento, ficando adiante excluída dos movimentos

de urbanização e industrialização na Bahia na década de 1950, como a presença da Petrobrás que modificou o cenário local até que decresceram seus efeitos de emprego, diretos e indiretos. Declinou-se a indústria fumageira localizada em São Félix, Cachoeira, Maragogipe e Cruz das Almas. A capacidade instalada nas cidades do Recôncavo já estava arcaizada, partindo de um sistema regional de produção, voltadas para o comércio internacional com vantagens monopolísticas.

Como as melhores terras eram ocupadas com canaviais, existiu uma proliferação de minifúndios com atividades de pequeno porte, dependentes do mercado de Salvador. As poucas cidades com autonomia comercial são Feira de Santana, Santo Antônio de Jesus e Santo Amaro. A região depende das transferências de Recursos orçamentários às municipalidades e do mercado de Salvador, consumidor da pouca produção existente.

A permanência do marasmo resulta num vazamento constante dos recursos humanos da região e representa um desestímulo a entrada de novos capitais, refletindo em emigração e desestruturação da região que teria a capacidade de se articular mais regionalmente.

O peso relativo da influência do Recôncavo na Bahia diminuiu junto com a conclusão das estradas de ferro até Juazeiro e para Sergipe, ampliando a área de influência de Salvador no início do século passado. Também podemos considerar a abertura das estradas inter-regionais na década de 60.

Enquanto a Economia baiana passou por um ciclo de modernização entre 1950 e 1980, liderado por surtos de industrialização, o Recôncavo permaneceu em uma estagnação econômica peculiar. Somente a exploração de petróleo atingiu diretamente a região, logo mostrando sua própria decadência. Outros eventos (Centro Industrial de Aratu, barragem de Pedra do Cavalo e Complexo Petroquímico de Camaçari), atingiram a região de modo indireto, criando

postos de trabalho pouco expressivos em quantidade. Na parte não-industrializada, o principal papel coube ao comércio e ao capital mercantil. Os trabalhadores transferem-se para empregos de baixa remuneração, integrando-se progressivamente ao meio urbano da metrópole. Este processo trouxe a região um custo social muito grande. No âmbito das comunidades locais, são poucos os que tem acesso a atividades com perspectiva de crescimento de renda.

A maior parte dos interesses capitalistas na região nos últimos anos centram-se na pecuária, na produção de cítricos, na produção de recursos naturais ou na produção de materiais de construção. Os pequenos trabalhadores de diversos tipos (agricultura, pesca, artesanato) e na produção extrativa dependem do mercado de Salvador. Neste sentido, existe um reordenamento social através do comércio diferenciado: comercialização da produção industrial (açúcar, fumo, avicultura) e o comércio das manufaturas (artesanato). A primeira opera com referências nacionais e internacionais de mercado (ainda que não sejam criadoras de um número elevado de postos de trabalho) e a outra com as referências regionais de Salvador e Feira de Santana.

Neste caso, podem ser inseridos aspectos de turismo. Algumas cidades do Recôncavo, como Cachoeira e Maragogipe, recebem um pequeno movimento estacional de turistas, principalmente de baianos atraídos por festas populares. Há também um movimento tradicional de veranistas para algumas praias da região. O turismo é uma atividade que pode ser expandida em diversos aspectos, dependendo de financiamentos que incentivem e aproveitem a proximidade com Salvador.

Existe hoje na Bahia um projeto implementado pelo Governo do Estado, através de sua Secretaria de Cultura e Turismo, que se destina a incentivar o desenvolvimento da cultura do Estado baiano e poderia, juntamente com o

poder cultural da região do Recôncavo, incentivar o turismo através das festas populares.

O FAZCULTURA é um programa desenvolvido desde 1997 de incentivo à cultura que concede abatimento no imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual e intermunicipal e de comunicação-ICMS para a empresa situada no Estado da Bahia que apoiar financeiramente projetos culturais aprovados pela SCT (Secretaria de Cultura e Turismo) da Bahia.

Assim, o FAZCULTURA consiste na verdade em uma lei colocada em vigor na Bahia em 2 de janeiro de 1997 de incentivo à cultura do Estado. É um mecanismo simples que prevê que os contribuintes do ICMS poderão ter 5% de abatimento no imposto a recolher, apoiando até 80% do valor total do projeto cultural. Para se beneficiar com o programa, o empresário patrocinador deverá contribuir com pelo menos 20% de recursos próprios do total utilizado com o projeto.

O FAZCULTURA promove, entre outras coisas, atividades artístico-culturais de artesanato, folclore e tradições populares. Segundo Cláudio Taboada, ex-secretário do FAZCULTURA, este projeto tem, com muito sucesso, contribuído com o melhor desenvolvimento cultural do Estado. A maior parte dos projetos aprovados diz respeito as tradições populares. De 1997 a meados de 1999, 34% de todos os recursos do programa foram destinados a música, seguido de tradição popular com 21% e artes cênicas com 12%. Juntos a iniciativa pública e privada despenderam mais de R\$ 28 milhões em menos de três anos, gerando aproximadamente 160 ocupações diretas e mais de 3 mil indiretas para cada milhão investido em cultura. Em pesquisa direta realizada em Salvador, constatou-se que os gastos com produtos e serviços culturais correspondiam a 7,96% do orçamento familiar.

Tabela 02: DISTRIBUIÇÃO DO CONSUMO CULTURAL DAS FAMÍLIAS BAIANAS POR TIPO DE BEM OU SERVIÇO – 1996

<u>Item de Despesa Familiar</u>	<u>Valor Anual do Consumo (em R\$ milhões)</u>	<u>Participação(%)</u>
Cinemas	76,80	5,5
Entrada em Parques	62,80	4,5
Teatro, Centros culturais	48,80	3,5
Shows Musicais	85,50	6,1
Shows de Dança, Teatro e Circo	14,00	1,0
Cursos de Arte	15,70	1,1
Museus, Galerias e Bibliotecas	3,49	0,3
Academias de Dança	45,37	3,3
Festas Populares/Religiosas	130,87	9,4
Afoxés, blocos e entidades Recreativas	99,46	7,2
Artesanato e Obras de Arte	36,64	2,6
Culinária Típica	293,16	21,1
Discos, Fitas e Cds	226,85	16,3
Fitas de Vídeo	113,42	8,2
Livros, Revistas e Periódicos	137,85	9,9
Consumo Total anual Familiar	1.390,72	100,0

Fonte: SCT, 1996.

No sentido de promover a recuperação e o desenvolvimento através do turismo, a ação estratégica do governo do Estado se baseou durante a década de 90 de três maneiras: o programa de investimento em infraestrutura, o marketing turístico e a capacitação de recursos humanos.

A amplitude e complexidade das ações e investimentos requeridos para o êxito desta estratégia, consolidando os espaços e os produtos que a compõem, exigem um aparato estrutural e organizacional no âmbito dos municípios envolvidos, moldando as necessidades de mobilização de recursos com uma ação harmonizada entre os municípios e o Estado, que permita o desenvolvimento sustentado dos pólos turísticos elegidos prioritários, como a região em estudo.

Com a responsabilidade do governo do Estado no redirecionamento dos rumos do turismo baiano, introduziu-se a necessidade de um enfoque regional para o desenvolvimento turístico, bem como um maior poder de articulação municipal de reivindicação junto a esfera federal de governo, visando o atendimento das carências setoriais de maior dimensão, incluindo as que envolvam negociações com agências internacionais de desenvolvimento.

O governo do Estado, no caso da Região Recôncavo, deve perceber e investir na vinculação entre o turismo e a cultura, e sua importância como fator indispensável para uma sólida composição e divulgação da imagem turística da Bahia como ofertante de turismo cultural e eventos, buscando a melhoria do produto através de ações e investimentos com destinação cultural.

Devido a tendência de formação de mercados regionais no mundo, os blocos econômicos formados devem provocar um expressivo incremento do turismo intra-regional, pois a supressão de barreiras geográficas e alfandegárias reforçam as viagens de menor duração/distância, distribuída no período anual de modo mais regular, reduzindo os efeitos nocivos da sazonalidade.

Os investimentos públicos no Programa de Desenvolvimento do Turismo do Estado da Bahia, financiado em parte pelo PRODETUR, tem sido orientados para a implantação de centros turísticos integrados e a realização de obras de infra-estrutura em áreas com potencial para exploração da atividade.

O PRODETUR consiste em um programa de infra-estrutura básica e criação de acessos, como rodovias e aeroportos, voltados para o turismo. Através deste programa o Estado vem realizando investimentos em obras estruturais direcionadas ao fomento turístico.

O PRODETUR vem sendo executado com recursos do governo do Estado, contando com o financiamento do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), usando como agente financeiro o Banco do Nordeste do Brasil e o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). O PRODETUR é composto de linhas de crédito específicas: o Pró-Turismo, linha especial de crédito com juros inferiores aos praticados pelo BNDES; O Pró-Bahia, um programa de desenvolvimento estadual feito com parte da arrecadação do ICMS, destinado a atrair novos investimentos; o Programa Nordeste Competitivo, que é assistido pelo BNDES e destina-se ao fomento dos segmentos de hospedagem e recuperação do patrimônio histórico para fins turísticos.

O montante de investimentos públicos na Bahia, previstos para as zonas turísticas entre 1991 e 1996 atingiu U\$\$ 1,5 bilhão, tendo a zona da Bahia de todos os Santos absorvido a maior parcela destes investimentos, com mais de U\$\$915 milhões. O problema é que boa parte destes investimentos se restringe a região metropolitana de Salvador.

3.2 OS EFEITOS APÓS PLANO REAL NO TURISMO.

O plano de estabilização, um plano anti-inflacionário que teve como um dos seus principais instrumentos a valorização da moeda nacional frente ao dólar

tornou os roteiros turísticos nacionais mais caros internacionalmente e conseqüentemente menos competitivos.

Após a implantação do Plano Real, os preços dos serviços turísticos (hotéis, restaurantes,etc) subiram consideravelmente, prejudicando o desempenho do turismo. O advento do Plano Real e as medidas de estabilidade econômica delinearão um difícil cenário para o turismo nacional e local.

Com o advento do Plano Real houve uma expectativa de incremento do turismo interno. As novas medidas adotadas que conduziram a retração da inflação e a possibilidade de financiamento de pacotes turísticos aqueceram esta modalidade. Houve um certo aumento, mas aquém das expectativas.

O próprio mercado brasileiro, beneficiado pelas novas medidas cambiais e pela estabilidade da economia interna passou a preferir viagens ao exterior devido as facilidades oferecidas, desequilibrando ainda mais o quadro de emissão e recepção de turistas. No plano interno, no ano de 1995 o governo para manter a estabilização adotou políticas contracionistas, conduzindo a elevação dos juros internos, restrição ao crédito e desindexação salarial, o que causou uma retração na expansão turística interna, embora viabilizasse investimentos para o turismo. Após os ataques especulativos em 1998 e com a livre flutuação do Real a situação interna melhora.

O turismo faria parte de um processo de desenvolvimento interno a nível Estadual para um processo inicial de integração de áreas, evitando a formação de “ilhas” isoladas e permitir que os lucros sejam mantidos na Bahia, evitando que regiões carentes sejam mantidas apenas com transferências estaduais ou federais.

CONCLUSÕES

Como vimos, o desenvolvimento da zona urbana de Salvador e de sua zona de influência imediata estão indissoluvelmente associados ao desenvolvimento do Recôncavo, já que processos migratórios de fator humano acabam sendo nocivos as duas regiões. Deve-se buscar as vantagens de localização da região estudada como também o recondicionamento do seu centro, Salvador, através de planejamento de estratégias de desenvolvimento.

O aumento das oportunidades de trabalho compatíveis com o aumento da produtividade do capital deve dar-se através da identificação de atividades motrizes (turismo). O esforço deve ser no sentido de intensificar a atividade inter-regional de forma integrada e não para atingir a auto-suficiência regional.

O Recôncavo, sem dúvida, foi cenário do desenvolvimento de atividades econômicas que geraram acumulação de riqueza através de exploração de recursos naturais e mão-de-obra de custo reduzido. Entretanto, apresenta agora as características de regiões subdesenvolvidas: graves problemas de desemprego, recursos mal utilizados, concentração da propriedade de terra e desigualdades sociais.

A poupança gerada na região não foi retida devido ao regime de exportações. Além disto, enquanto os Estados do sul do país mecanizavam sua produção, a Bahia continuou com o baixo aproveitamento de atividades agrícolas. Isto gerou acumulação de desemprego e outros aspectos limitativos, prejudicando a integração social regional e aumentando o fenômeno da marginalização urbana.

Deve-se considerar também que o Recôncavo baiano não só contribui para a formação do país como também é o centro mais importante no Sul da Região Nordeste, relativamente perto dos centros mais desenvolvidos na nação.

As possibilidades de desenvolvimento econômico no Recôncavo dependerão conseqüentemente da habilidade com que se possam aproveitar novos efeitos dinâmicos em pouco tempo. Sua efetividade dependerá especialmente da estratégia que oriente sua aplicação para manter e desenvolver as atividades tradicionais da região. Como foi mostrado no capítulo 3 desta monografia, existiu a preocupação de estudar as cidades caso a caso, como surgiram e se consolidaram até atender condições de desenvolvimento e depois decadência. Entretanto ficaria cansativa a análise de todas as cidades, já que suas deficiências são semelhantes, ficando analisadas o contexto atual de algumas como amostra e referencial do todo.

Mesmo assim, considero que o estudo foi satisfatório. Vimos no capítulo 4 que a falta de investimento e apoio retardam o processo de desenvolvimento da região. A grande possibilidade de mudança se deu quando apareceu o interesse do governo do Estado, a partir do momento da criação do programa FAZCULTURA.

Assim, acreditamos que esta monografia conseguiu cumprir seus dois objetivos principais: primeiro o de abordar um tema importante mas sem muita exploração pela literatura técnica e especializada encontrada na Bahia (muitos textos importantes são antigos, como os de Milton Santos e Costa Pinto, não refletindo alguns aspectos atuais). Um trabalho onde se objetivou estudar o Recôncavo baiano e permitir ao leitor desta monografia o conhecimento sobre o surgimento da região, bem como sua evolução, além de uma abordagem sobre a situação atual.

Segundo, o de mostrar que existe uma total relação entre o Recôncavo e o turismo, a partir do momento em que se busque uma alternativa de recuperação econômica. Projetos lançados pelo governo do Estado e suas parcerias têm contribuído para perspectivas de crescimento. Isto, porque como já mencionamos muito, o desenvolvimento do Recôncavo está intrinsecamente relacionado com o desenvolvimento do Estado.

Por fim, é válido ressaltar que as migrações, de um modo geral, são nocivas para o Recôncavo (devido a saída de fator humano) e para a região metropolitana (devido a elevação dos índices de desemprego e violência). Deste modo, acreditamos que o governo do Estado irá lutar pela prosperidade da região.

Esta monografia não teve a pretensão de esgotar totalmente o estudo a respeito do Recôncavo. Por sua vez, este trabalho em muito nos orgulha pela importante contribuição, à sociedade baiana, de um trabalho novo e com uma boa quantidade de informações sobre o segmento turístico, que vem se desenvolvendo e crescendo em importância no cenário regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA.CEI - Centro de Estatística e Informações. **Informações básicas dos municípios baianos**. Salvador, 1994, v8.

CLARK, David. **Introdução a Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1982.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA PINTO, L. Antônio. **Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana**. 2ª edição. Salvador: Costa Pinto, 1997.

FILHO, Mello Moraes. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1979. (Reconquista do Brasil, vol. 55).

FURTADO, Celso Monteiro. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Saraiva, 1959.

IBGE. Diagnostico Geo-ambiental e Sócio-econômico da baia do rio Paraguaçu/Ba. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 7ª edição, São Paulo Brasiliense, 1963.

OLIVEIRA JUNIOR, Arnaldo Evangelista Rebouças. **Turismo na Bahia: Evolução e tendências**. Salvador: UFBA/FCE, 1999. Monografia (Graduação em Economia) UFBA.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia Século XIX: Uma província no Império**, Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

NOVAIS, Fernando Antônio. **Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial (séculos XVI-XVIII)**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1977.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. **A Crise da Economia Açucareira do Recôncavo na Segunda Metade do Século XIX**. Salvador: Centro de Estudos baianos (CEB), 1999.

PEDRÃO, Fernando Cardoso. Novos rumos, novos personagens. In BRANDÃO, M. de A. (Org). **Recôncavo da Bahia**. Salvador: UFBA, 1997. p. 218-239.

PORTO, Edgar & Carvalho, Edmilson. Metamorfose Regional e Urbana: Uma Abordagem inicial do Recôncavo, da região cacauzeira, da RMS e a nova região de Salvador. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, SEI, p.12, Mar/97.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Turismo, Realidade baiana e nacional**. Salvador: Bigraf, 1976.

SANTOS, Milton. **A Rede Urbana do Recôncavo**. Salvador: UFBA, 1958.

SILVA, Bárbara Christine Nentwing, SILVA, Sylvio Bandeira de Mello. **Cidade e Região no estado da Bahia**. Salvador: UFBA, 1991.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. 9ª edi. São Paulo: Brasiliense, 1983. 152p.

SWARTZ, Stuart. **Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial de 1550 à 1835**, São Paulo: Pioneira, 1995.

TORLONI, Hilário. **Estudo de Problemas Brasileiros**. São Paulo: Pioneira, 1978. 327p.